

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

130)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 26, 1839)



O MANCERO JOGANDO COM O DIABO A ALMA AO JOGO DO XADREZ.

O MANCEBO JOGANDO COM O DIABO A ALMA
AO JOGO DO XADREZ.

O ARTISTA alemão, Moritz Retzsch, tem a reputação de ser o mais habil desenhador moderno. Não sabemos se esta fama é exaggerada; porem os seus quadros a traços, de contornos simples, sem o subsidio do claro-escuro, ou das tintas, que prestam vida ás pinturas, são louvados com enthusiasmo pelos amantes e cultivadores das artes. Um specimen das obras deste mestre apresentámos hoje, copiado com a possível exactidão; representa um formoso mancebo, embebido no mui pernicioso vicio do jogo, que joga com o diabo em pessoa, perde, e não tendo mais que jogar arrisca a sua alma n'uma partida. O anjo da guarda do infeliz mancebo, com semblante angustiado, é o triste e inactivo espectador desta partida.

Muitos gabos tem adquirido a perfeição deste painel; louva-se o primor da arte na correcção e verdade do desenho; louva-se tambem a invenção. Porem esta ultima parece-nos não ser tão credora d'elogios. A escolha do jogo do xadrez (*), jogo nobre, jogo de combinações que exercitam a intelligencia, jogo emfim de brio, para representar uma partida onde o jogador chega a expôr a sua alma a um lance, é infelicissima lembrança. Os inveterados naquelle vicio abominavel unicamente se empenham nos jogos chamados d'azar ou de parar, porque só a rapidez e prompta decisão destes satisfaz a ancia de jogar. Não pôde a nosso ver servir de desculpa a explicação moral dada a cada uma peça do xadrez neste painel: o pensamento do auctor estava completo, apresentando nas convenientes e expressivas attitudes os dois jogadores, o moço e o diabo, porque não podia ser outro o fim do espirito mau senão o ganhar a alma do desventurado mancebo, aliás a partida seria irrisoria: este pensamento era mais simples, e por isso mais efficaz. Acrescentaremos que estes emblemas de allusões violentas e complicadas nos parecem tão absurdos como as metaphoras dos seiscentistas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO, TANTO
SCIENTIFICA COMO POPULAR; TANTO
PUBLICA COMO PRIVADA.

NA idade dos dezeseite ou dezoito annos é quando a razão dos mancebos está sufficientemente desenvolvida, e já podem reger-se e viver no mundo, salva a direcção dos bons conselhos. Resulta daqui que será incompleta a educação que foi interrompida antes desta idade. Quanto mais se vai aperfeiçoando a civilisação, tanto é mais palpavel esta verdade. Entre os povos barbaros é perpetua a barbaria, porque a educação é nulla. Algumas nações antigas deram grande importancia á educação, mas parece que os seus desvelos se encaminhavam a fins politicos. O christianismo veio dar prego á educação moral e religiosa; porem assim mesmo a instrucção popular jazeu por longos tempos no esquecimento, e ainda hoje, em varios paizes da civilisada Europa, é muito despresada; o ensino começa tarde e acaba cedo; é incompleto por culpa dos mestres, e pouco frequentado por culpa dos paes.

Para que a educação seja proveitosa e perfeita é necessario que em cada povoação, e para cada jerarchia da sociedade, hajam escholas adaptadas ás suas precisões, que o ensino seja gradual e frequentado, e que nenhum alumno o abandone sem que a

auctoridade competente julgue se completou a educação. Graças aos progressos da moderna civilisação, e á necessidade d'instrucção que todos reconhecem, o que é consequencia natural daquelles, a educação tem hoje valia, mas não toda a que lhe compete, e alem disso não está sufficientemente generalisada.

Portanto a mocidade, as familias, o estado tem igual interesse na rapida propagação dos conhecimentos uteis e do ensino que cimenta e fortalece os bons costumes. Enquanto estes não forem perfectos, e a instrucção for tenue, não poderemos gosar de todos os beneficios da civilisação geral, nem colher todas as vantagens que podem resultar das nossas instituições civis e politicas: as auctoridades não poderão exercitar o seu justo poder e influencia proficua sobre um povo pouco accessivel aos progressos do entendimento humano e das artes e commodidades sociaes.

Se n'outros tempos, ora a politica ora a religião dirigiram exclusivamente a educação; ao presente devem concorrer ambas para este fim; porque tão interessada é a ordem social, como a moral ou religiosa, na boa direcção dos estudos e habitos da mocidade. Estes interesses são tão graves como numerosos; são porem diversos, porque diversas são as profissões que os homens abraçam; e dahi vem que a educação divide-se forçosamente em scientifica e em popular.

A educação popular abrange quasi todas as classes da sociedade, e todos os conhecimentos que competem á maioria dos cidadãos: é por isso a mais importante. A scientifica ou litteraria é só para o limitado numero dos que seguem carreiras especiaes. Todavia são taes as vantagens resultantes do estudo das sciencias e das letras que muitas pessoas lhes consagram o tempo, sem outro fim mais do que enriquecer o espirito e cultivar o coração; isto porem só o podem fazer o commerciante rico, o proprietario abastado, o fidalgo independente: e quanto ganhará a sociedade na futura geração se os opulentos d'hoje mandarem dar a seus filhos a educação superior!

Os conhecimentos que se reputam indispensaveis são o ler, o escrever e o contar: mas isto não basta; porque, quem ha que não precise possuir algumas breves noções, por exemplo, de hygiene, de geographia, d'astronomia? Que artista deixa de precisar saber pouco que seja de desenho linear e de geometria? Bem sabemos que não será possível que todos os homens adquiram estes conhecimentos; mas faça-se a diligencia para que cheguem ao maximo numero dos homens. Tal deve ser a missão das aulas populares, dos opusculos e jornaes populares.

Á proporção que saímos das classes mais ordinarias achamos cada vez maior precisão d'instrucção. O mestre, o director d'uma officina, d'uma fabrica, o negociante, o proprietario de terras ou de estabelecimentos industriaes, os empregados de certas repartições, não podem dispensar-se de saber alguma cousa de physica, de chimica, de historia natural, das mathematicas, de tecnologia, &c. conforme as respectivas profissões e empregos. E portanto necessario que, segundo as diversas localidades e as diversas profissões que hade seguir a mocidade popular, o ensino comprehenda noções elementares de todos aquelles conhecimentos, e que, por exemplo, n'um districto essencialmente agricultor hajam, ao menos, aulas de agricultura; no que for meramente industrial, aulas em que se aprendam as applicações das sciencias ás artes. Não basta legislar sobre este assumpto; é necessario que

(*) Vide a origem do jogo do xadrez a pag. 134 do 2.º vol.

as leis assentem em bases seguras e que se ponham em prompta execução. Este desenvolvimento dos varios ramos do saber humano influirá por certo na industria, nos costumes, e, por consequencia, na prosperidade publica. O trabalho desacompanhado da reflexão, a mera applicação machinal das forças colloca os homens a par dos brutos; só o trabalho intelligente é digno da humanidade, só elle é fecundo em resultados, só d'elle resultam os progressos.

Outro meio efficaz da educação popular é a lição d'alguns escriptos claros e sisudos; estes livros costumam o povo a sair do ambito dos trabalhos materiaes e interesses vulgares, occupam-lhe as horas que a ociosidade faz perigosas, offerecem-lhe alimento á razão, alumiam-lhe a consciencia, excitam-lhe a emulação pelos exemplos que appresentam, e finalmente o elevam ás idéas e deveres do mundo civil, moral e religioso. Mas, com magoa o dizemos, muito poucos livros temos que dar ao nosso povo, e este muito pouco habito tem de ler bons escriptos. Pedimos aos homens que possuem conhecimentos especiaes das artes e das respectivas sciencias que se dediquem a escrever livros para o povo, já sobre assumptos communs a todas as classes, já como guias e manuaes para as diversas profissões. Não será esteril a gloria, nem equivoca a utilidade deste trabalho. Nos paizes do norte da Europa as classes populares tem seus habitos de ler obras sobre religião, moral, historia, e instrucção geral; e nesses povos, onde um tal habito está mais arraigado, observa-se que o gosto nas artes é mais apurado, e os costumes estão muito melhorados.

Nas classes inferiores da sociedade os pais geralmente mandam os filhos para as escolas, e julgam-se dispensados de todo o cuidado da sua educação: os individuos abastados chamam mestres particulares, e pensam que fazendo os sacrificios, que demanda este modo de instrucção, tem feito tudo. São dois erros. O pobre fez pouco, porque deve alem disso vigiar e inquirir sobre o gráu de aproveitamento de ensino em que vai o filho, e dar-lhe de mais a mais em casa a educação moral: o opulento enganou-se tambem querendo crear seu filho para viver no mundo, e cercando-o ao mesmo tempo dos melindres e concessões que caracterizam a educação particular.

A educação privada tem suas vantagens, mas para isso é preciso que os paes vigiem o progresso dos estudos dos filhos, e a capacidade dos mestres; poderá isto ainda ter logar tractando-se dos rudimentos que chamamos *primeiras letras*, mas se se tractar de ensino secundario ou de sciencias, terão todos os paes tempo e conhecimentos para isso?... Mas supponhamos que a educação privada é favorecida por uma reunião de qualidades e de circumstancias pouco vulgares, sempre lhe falta o estimulo da emulação, e a força da regularidade, vantagens que não podem substituir-se, e que faltam quasi sempre neste modo d'educação. Alem de que a escolha dos mestres pode ser infeliz, e por certo que não haverá progresso onde não houver nem sciencia nem methodo.

Se a educação privada na casa paterna tem graves inconvenientes, não deixa de os ter a educação publica. Não podem tomar parte nella os paes; não é destinada a um só individuo, mas a muitos, divide-se portanto a attenção do mestre por muitos discipulos; é submettida a regras que constroem, &c. Mas por outro lado, a regularidade que caracteriza a educação publica, a superioridade [ao menos presumptiva] dos mestres, a emulação dos alumnos, são vantagens que não tem compensação. Nas

escolas se travam os primeiros vinculos da amizade, cuja recordação é depois tão grata no decurso da vida; dilata-se o espirito de familia, cresce e se converte em espirito nacional: as verdadeiras idéas de patria, d'estado, tem os seus elementos nas escolas. Vê-se que, pesadas as vantagens e os inconvenientes, não ha [salvo se quizerem exceptuar os tenues rudimentos em mui tenra idade] que escolher entre as duas: a educação deve ser publica, porque é esta a unica nacional e social, e porque é ella a unica que promove a bem entendida emulação entre os alumnos.

Porem não está só na educação publica a educação da mocidade. Nunca a familia deve perder os seus direitos, nem o pae e a mãe esquecer os seus deveres. Alem de que os meninos só estão na escola algumas horas no dia; e por isso as obrigações da educação caseira são continuas. Todo o pae, toda a mãe que cessa de seguir com o coração e com a alma o desenvolvimento intellectual e moral de seus filhos na primeira idade, de algum modo se separa delles, e por mais cheia de consciencia que seja a educação publica, o homem que na sua mocidade foi privado dos beneficios da educação domestica o dá a perceber em todo o tempo; ha certas affeições que o seu coração ignora, habitos que nunca toma, virtudes que não pôde adquirir, gozos moraes que não experimenta. Paes e mães de familia, attentaí bem nisto; é uma especie de crueldade dar a existencia e recusar a educação; porque esta ultima será um manancial de boas acções para vós e de prosperidades certas para os vossos filhos.

D. FR. JOAQUIM DE SANTA CLARA,
ARCEBISPO D'EVORA.

II.

11. — Esta sentença, e este proceder da Mesa censoria não lançou nodoa na reputação do P.^o Santa Clara, nem foi parte para que o governo deixasse de continuar a depositar nelle a sua confiança, encarregando-o das importantes commissões que temos visto; nem ainda para que a universidade se envergonhasse de o contar no numero dos seus maiores ornamentos. Pelo contrario aquella especie de perseguição mais serviu para lhe grangear logo um notavel gráu de celebridade, que com o correr do tempo o fez um dos homens mais afamados por letras e sciencia dentro e fóra do paiz natal. — Muito havia que pela opinião publica era designado o P.^o Santa Clara para subir ao eminente gráu do episcopado, quando em aviso de 25 de Julho de 1814 lhe foi communicado pela secretaria d'estado do Rio de Janeiro que o principe regente houvera por bem nomea-lo arcebispo d'Evora, cuja sé se achava vaga pelo fallecimento de D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas-boas; e em data de 3 de Março de 1815 mandou o governo ao seu embaixador em Roma que tratasse de fazer expedir as letras apostolicas e mais despachos que necessarios fossem para a confirmação do novo arcebispo.

12. — Quando o embaixador, o commendador José Manuel Pinto de Sousa, começou a tratar deste negocio, achou o Sancto Padre, e mais ministros e adherentes da curia romana summamente indispostos contra o arcebispo eleito, e decididos a negarem-lhe a confirmação requerida pelo monarcha portuguez. A emulação, achando agora opportuna occasião de desferrar-se, havia manejado a formidavel arma da intriga, e denunciado á curia romana o arcebispo eleito como um theologo menos orthodoxo, por

isso que não era cego fautor das exaggeradas pretensões ultramontanas; havia suscitado a memoria do elogio funebre do marquez de Pombal; e a curia romana, cujo orgulho este grande ministro abatêra com sua costumada decisão; a curia romana, que recentemente havia restabelecido os jesuitas, a quem o mesmo ministro fizera guerra de morte, estava resoluta a negar a confirmação ao novo arcebispo. O Sancto Padre depois que fôra restituído aos seus estados, havia-se tornado muito melindroso na escolha dos prelados, e já tinha rejeitado dous nomeados pela Austria, como o embaixador testifica escrevendo ao arcebispo. Alem disso a nota, que o mesmo embaixador por ordem da sua côrte fez contra a renovação dos jesuitas, indispoz tambem muito a Sua Sanctidade.

13. — Luctou diplomaticamente o commendador Pinto com a côrte de Roma; e ainda que pôde desfazer e deslindar grande parte das intrigas, não apagou todavia a impressão que malevolos fizeram no animo do Sancto Padre, senão com duas condições: 1.^a escrever o arcebispo uma carta a S. S. na conformidade do despacho confidencial que lhe foi remettido em copia; 2.^a que na costumada pastoral feita ao entrar no exercicio do ministerio episcopal fossem inseridos os sentimentos que na mesma nota confidencial vinham indicados. Na carta ao papa devia o arcebispo: 1.^o reprovar tudo aquillo que disse contrario aos sãos principios no elogio funebre do marquez de Pombal, mostrando o seu desprazer de se encontrarem naquella sua composição maximas estranhas de tal natureza; 2.^o acceitar e submeter-se plena e sinceramente á bulla dogmatica de Pio 6.^o, que principia = *Auctorem fidei*, = pela qual foi condemnado o pseudo-concilio de Pistoia; 3.^o sujeitar-se plenamente á auctoridade e aos juizos da sancta sé, fazendo conhecer o seu arrependimento por qualquer feito ou dicto seu que podesse inspirar suspeitas ácerca da sua doutrina no animo do Sancto Padre; e promettendo uma verdadeira obediencia, e sincero e respeitoso acatamento á sancta sé Apostolica, pedisse reverentemente a Sua Sanctidade a sua canonica instituição. — Na 1.^a pastoral, publicada pela imprensa, devia introduzir um discurso que tivesse por objecto reparar claramente qualquer escandalo que tivesse dado, e assegurar o publico sobre sua maneira de pensar. E para maior conveniencia sua era mister faze-lo de modo que não deixasse crer que os seus sentimentos eram diminutos, contrarios, ou não conformes em tudo áquelles que declarasse na pastoral, com todos os indicios de insinuar taes sentimentos ao seu clero e povo como plenamente conformes ás suas proprias maximas. — Pôde ainda o embaixador com suas diligencias conseguir que na pastoral se não fallasse no elogio do marquez de Pombal, como no principio o papa queria. — O embaixador cedia á força das circumstancias. *Eu podia* [diz elle escrevendo ao arcebispo em 7 de Fevereiro de 1816] *com este caso fazer uma ruptura entre as duas côrtes: mas que gloria seria esta? V. Ex.^a não era preconisado no arcebispado, e os invejosos e inimigos conseguiam o seu fim.* Em outra carta de 16 de mesmo mez confessa que bem conhece quanto é difficil achar meio termo a quem nem se deve justificar como plenamente innocente, nem accusar-se de culpas que não tem: e mais abaixo = *a theologia e a diplomacia são sciencias muito differentes; a 1.^a procura agradar a Deos detestando o diabo; a diplomacia porem procura sim agradar a Deos, mas sem offender o diabo.*

14. — Instado fortemente pelo embaixador para que se submettesse ás condições propostas, a fim de

ser sem demora preconisado em consistorio, escreveu o arcebispo eleito em 4 d'Abril de 1816 ao papa uma carta, na qual sem se conformar com a minuta que lhe fôra remettida se desculpava com tudo da melhor fórma que podia ácerca das duas arguições mais essenciaes, que versavam sobre os principios politicos emittidos no elogio do marquez de Pombal, e sobre a adhesão á doutrina condemnada do pseudo-concilio de Pistoia. Esta carta foi, como era d'esperar, muito bem acceita na curia romana, e por via do cardeal *Ercole Consalvi*, secretario d'estado, mandou o Sancto Padre declarar ao arcebispo eleito, em data de 30 de Maio, que havia recebido com satisfação as suas declarações e protestos, recommendando novamente que as mesmas declarações e protestos sabissem a publico na 1.^a pastoral, como d'antes lhe havia insinuado.

15. — Em quanto isto se passava escrevia o arcebispo para a côrte do Rio de Janeiro participando-lhe as insinuações de Roma, e o seu procedimento, pedindo ao mesmo tempo a S. M. que o alliviasse e escusasse do alto emprego para que o havia nomeado, pelos dissabores que lhe tinha causado a duvida da confirmação, e por se achar carregado d'annos e achaques que o impossibilitavam d'exercer funções tão peçadas no meio de inimigos empenhados em desacredita-lo. — Não foram na côrte do Rio de Janeiro tão bem acolhidas, como na de Roma, as condescendencias do embaixador e do arcebispo. O modo como o governo portuguez se houve neste delicado e importantissimo negocio não se pôde melhor conhecer do que pelas expressões dos seus proprios despachos. O ministro d'estado, marquez d'Aguiar, responde ao arcebispo em 30 de Julho = *«O mesmo augusto senhor, a quem foi muito desagradavel que se negasse a V. Ex.^a a confirmação do arcebispado, de que o julga mui digno, viu com muito desprazer tudo o que a este respeito se tem practicado e me determinou fizesse saber a V. Ex.^a que tambem lhe fôra muito desagradavel a sua condescendencia em escrever a carta, se não de todo conforme ao modelo, ao menos imitando-o, e confessando erros que não tinha ficando V. Ex.^a tambem na intelligencia de que o mesmo augusto senhor não ha por bem allivia-lo do arcebispado, porque entende que V. Ex.^a desempenbará no exercicio d'elle o justo conceito que fez sempre do seu saber e virtudes; e que não é decente esta renuncia tendo havido tão inesperada e injusta contestação da curia romana.»* = E ao embaixador entre outras cousas o seguinte = *«Elrei meu senhor . . . viu com muito desprazer o procedimento da curia romana duvidando confirmar, e por ventura pela primeira vez em Portugal, um arcebispo nomeado, imputando-se-lhe defeitos tão graves por asserções vagas e indeterminadas, e que não podem recahir em um lente de theologia de muito saber, probidade e regular conducta; e desapprovou que V. S.^a acceitasse o modelo que lhe dirigiu o secretario d'estado, e o suggerisse ao nomeado para por elle escrever a S. S., não podendo esperar das suas luzes e conhecimentos nesta materia, e do seu reconhecido zelo, que por este modo annuisse áquella indiscreta pretensão e refinado modo de ganhar auctoridade, para vir a conseguir-se que sejam só nomeados bispos os que professarem doutrinas ultramontanas, e agradarem por isso á curia romana; sendo este procedimento offensivo aos direitos do real padroado adquiridos por antiquissima, immemorial e não interrompida posse, e que constituem uma das regalias da soberania, e aos que a S. M. competem como protector da religião e da igreja, e como sobe-*

rano a quem toca vigiar que os eleitos para os bispados e mais prelasias sejam pessoas idoneas; e tambem offensivo ao seu real decoro, por se pertender frustrar uma nomeação de sugeito tão digno do arcebispado, imputando-se-lhe o vicio capital de suspeição na doutrina com que se argúe a nomeação: é alem disto de pessimo exemplo este procedimento, que dará logar á continuacão das pretensões immoderadas da parte da curia romana, e que será desapprovedo e censurado nas côrtes dos soberanos catholicos. . . . Segundo o que fica exposto deverá V. S.^a haver-se a este respeito, no caso que o negocio não esteja ainda concluido, chegando até a ameaçar com rompimento, e com estar S. M. deliberado, no caso de se não verificar a confirmacão, a manda-la fazer dentro do reino na fórma da antiga disciplina, segundo o exemplo de outros soberanos catholicos, como praticou em tempo não remoto Luiz 15 em França; o que com tudo só deve praticar-se no ultimo extremo, e com as expressões convenientes ao acatamento devido á pessoa e alta jerarchia do sancto padre; e quando aconteça que esteja expedida a bulla, e já executada com beneplacito regio, concedido no real nome pelos governadores do reino, V. S. pedirá e instará effizamente que se dê uma competente satisfacão a S. M. por este estranho e indecoroso procedimento. = » Aos governadores do reino ordenou, em 12 d'Agosto, que não concedessem á bulla o beneplacito regio, se não viesse expedida na fórma geral e sem menção alguma deste procedimento.

16. — Finalmente venceram-se todas as difficuldades, vieram as bullas da confirmacão, e o arcebispo foi sagrado em Lisboa aos 21 de Setembro de 1816. Passado pouco tempo partiu para Evora, aonde chegou a 6 de Novembro, e começou logo a entender como vigilante pastor no bom governo de suas ovelhas. — Porem na idade de 76 annos, apouentado e abatido pela grande lucta da confirmacão, não pôde o arcebispo resistir por muito tempo aos assiduos trabalhos inherentes á sua alta dignidade. Quando se dispunha a visitar a sua diocese, falleceu em 11 de Janeiro de 1818 depois de uma breve doenca de 4 dias. — Os seus ultimos momentos foram os de um verdadeiro christão e de um digno prelado. Jaz na cathedral de Evora.

J. H. da Cunha Rivara.

AEROLITHES, OU PEDRAS QUE CAHEM DO AR.

HA mais de tres mil annos que se tem observado, em differentes epochas e em diversas partes do globo, cahirem das mais elevadas regiões da atmosphera corpos solidos, conhecidos na physica pelo nome de *aerolithes* ou *pedras de raio*, e que atravessando a atmosphera traçam um sulco luminoso, e produzem o mais das vezes explosão acompanhada da ruptura da massa em muitos fragmentos. Este phenomeno observado mais de uma vez por homens ignorantes, e em epochas em que difficilmente se communicavam os factos, foi reputado muito tempo pelos modernos como um mero conto popular; a repetição porem, nestes ultimos tempos, de phenomenos semelhantes, e mormente a quèda bem provada destas pedras em Aigle na Normandia em 1803, tirou todas as duvidas.

O illustre physico, Mr. Biot, do instituto de França, foi mandado indagar ácerca deste phenomeno no sitio onde se observára, e colheu uma somma de provas physicas e moraes que não deixam pretexto á incredulidade. Daremos as circumstan-

cias do phenomeno, como elle as refere. Pela uma hora da tarde, estando a atmosphera serena, apparecendo sómente na extensão do horisonte algumas nuvens pardentas, que todavia não assombravam o dia, viu-se de varias cidades e villas, entre si distantes, um globo inflammado, de esplendor mui vivo, e que se movia na atmosphera com grande velocidade: passados alguns instantes, ouviu-se em Aigle, e nos contornos desta cidade n'um raio de mais de trinta leguas, uma violenta explosão que durou cinco a seis minutos. As primeiras detonacões pareciam tres ou quatro tiros de peça disparados a pouca distancia; seguiu-se um estrondo como de uma descarga geral de fusilaria terminada pelo rufo acelerado de todos os tambores de um exercito, como se exprime M. Salgués. Este estrepito sahia d'uma nuvem pequena da figura d'um rectangulo, cujo lado maior corria de leste a oeste; parecia immovel em quanto durou o phenomeno, apenas os vapores que a compunham se affastavam momentaneamente para os lados por effeito das successivas explosões. Esta nuvem estava mui alta na atmosphera, porque os moradores de duas aldeas, apartadas uma da outra mais de legua, a viram ao mesmo tempo, como se lhes estivesse por cima das cabeças. Ouviram-se sibilos semelhantes aos d'uma pedra despedida vigorosamente com uma funda, e cahiram ao mesmo tempo chuviros de corpos solidos, que foram apanhados, e achou-se que eram exactamente semelhantes aos que se conheciam pelo nome de *pedras meteoricas*; submettidos á analyse deram enxofre, ferro no estado metallico, silica, magnesia, e nickel; este composto não tem analogo em todo o reino mineral. Mr. Biot averiguou que a direcção do meteoro era exactamente a do meridiano magnetico, observação importante, que poderia aclarar muito este phenomeno, sendo justificada por observacões subsequentes.

Em 23 de Novembro de 1810, pela hora e meia da tarde, na municipalidade de Charsonville juncto a Orleans, detonou um globo de fogo com estrepito extraordinario, e largou tres pedras volumosas, uma das quaes pesava 40 libras, e se enterrou quasi quatro palmos e meio pelo chão dentro. Nos arredores de Jonzac, departamento do Charente inferior, cahiram outras em 1819. Porem a mais assombrosa pelo volume é a que cahiu no departamento de l'Ardeche aos 15 de Junho de 1821, a detonacão durou 20 minutos, e ouviu-se a mais de 10 leguas de distancia, enterrou-se pela terra obra de cinco pés, e pesava 92 kilogrammas [200 $\frac{4}{10}$ arrateis]. Observou-se outro phenomeno semelhante, a duas leguas d'Epinal, em 1822: em Arenazzo, na legacão de Bolonha, cahiram muitas aerolithes, precedidas de estrondo acompanhado de vento, aos 6 de Fevereiro de 1824, a maior pesava uns dez arrateis e meio: foram guardadas no observatorio de Bolonha. Outra que cahiu em Outubro do mesmo anno na Bohemia está no museu de Praga.

Estes factos tiram, como dissemos, as duvidas, e comprovam todos os identicos relatados pelos antigos. Póde ver-se no *Annuaire du bureau des longitudes pour l'année de 1826* o catalogo, inserido pelo celebre Mr. Arago, destes phenomenos desde 1478 antes de Christo até 1824.

Estas pedras no aspecto externo mostram parcelas de ferro de configuracão irregular e d'um prateado brilhante, entremeadas de salpicos d'um amarello esverdeado disseminado n'uma rocha ou matriz quartzosa de côr cinzenta; feridas com o fuzil dão fogo, e submettidas á analyse chimica dão comumente o seguinte resultado: oxydo de fer-

ro, silica, alumina, cal, oxydo de manganése, magnesia, enxofre, cobre, cobalto, chrome e nickel; variando muito nas proporções destas substancias, predomina todavia sempre nellas a silica com o ferro no estado de oxydo ou no de metal.

Os physicos não concordam ácerca da origem das aerolithes: alguns pensam que se formam de per si na atmosphaera pela condensação das materias gazosas, que nella se acham disseminadas; esta hypothese porem é contraria a todas as noções da physica e da chimica, porque para se formar uma destas pedras seria preciso um volume de gaz tres mil vezes maior, e quando mesmo, em virtude de qualquer causa, os gazes se condensem em solidos, produzem sim um pó muito dividido, e não uma massa compacta semelhante á das pedras de raio; alem de que as substancias de que estas são compostas, não podem existir na atmosphaera no estado gazoso. Tambem não se póde dizer que tenham sido lançadas por um volcão, como outros tem julgado, por não estar a sua composição em harmonia com as massas que os volcões vomitam, as quaes de mais a mais sempre cahem a pequena distancia da cratera, salvo as lançadas no estado de pó, ou de liquido, ou de gaz, e que são transportadas pelos ventos. Outros pensam que as aerolithes serão lançadas por um volcão da lua, e precipitadas no nosso globo em virtude da attracção terrestre; o calculo mostra com effeito ser bastante impossivel que os volcões lunares sejam dotados de uma força de projecção tão grande como a dos volcões terrestres, isto é, de uma força igual a quatro vezes a de uma bala de artilharia impellida por doze arrateis de polvora. A existencia dos volcões lunares tem perdido muito da sua probabilidade, desde que se reconheceu que se devia attribuir aos effeitos da luz o resplendor de certos pontos brilhantes, que se tinham considerado como crateras inflammadas. Outros finalmente dão uma explicação, que hoje anda mais em voga, considerando as aerolithes como pequenos planetas, ou fragmentos de planetas, que percorrendo os espaços celestes, e aproximando-se do nosso globo, são attrahidos por este, e cahem na sua superficie, depois de haverem desenvolvido na atmosphaera, em virtude da rapidez na sua queda, calor e luz: alem de que estas massas poderão adquirir grandissima velocidade, e seguirem em uma direcção tão obliqua que atravessem a atmosphaera da terra sem cabirem na sua superficie, ou pelo menos sem se projectarem senão a grande distancia do lugar por cima do qual passam.

Comtudo, não daremos preferencia a esta ou a outra hypothese; porque umas por demasiado vagas, outras por sobejamente ousadas a não merecem em nosso humilde conceito. Convidámos portanto os nossos leitores a que esperem que mais amplas experiencias e observações demonstrem a exacção de uma opinião que se possa adoptar. Lamouroux, que é voto de grande peso na materia, refere algumas opiniões a este respeito no seu *Resumo de geographia physica* auctorizado pela universidade, mas nenhuma abraça; e a paginas cento e seis da segunda edição diz assim: — “Desde a remota antiguidade, os globos de fogo com a sua chuva de pedra captivaram a attenção dos philosophos; foram descriptos pelos sabios de todos os tempos, e as suas descripções são semelhantes quanto aos phenomenos geraes, e só n’algumas particularidades ha differença. Chladni, celebre physico alemão, achou nos auctores que consultou provas de mais de duzentas aparições destes meteoros. Por muito tempo os consideraram como effeitos da colera e da vingança da divindade. Em mui-

tos templos se consagraram pedras meteoricas como signaes do poder de Deus, e ainda agora ha em França (::) igrejas onde se conservam algumas como reliquias. Para o homem instruido, os globos de fogo são uns phenomenos ordinarios, cuja origem é ainda mysterio, mas que nada apresentam que milagroso seja.” —

Estamos persuadidos que certas pedras que alguns rusticos do nosso paiz chamam pedras de raio, e guardam supersticiosamente como preservativo contra os maus resultados das trovoadas (*), dizendo que cahem com os raios, ou são umas pedras negras e luzidias pouco communs, que pela sua fórma e cõr prendem a attenção do vulgo, ou são verdadeiros aerolithes.

MAUS EFFEITOS DA SOBERBA.

O ORGULHO, e a soberba são dous vicios naturalmente oriundos de uma fonte corrupta, qual é a opinião exaggerada que formámos de nós mesmos, e que pretendemos inculcar aos outros. Esta opinião é fundada em algum talento que possuímos ou julgámos possuir, ou em riqueza ou nobreza que avaliámos demasiadamente. — *Conhece-te a ti mesmo.* — Nunca este preceito será de sobejo recommendado. Reflecti e penetrai no intimo do vosso coração, descubrireis milhares de defeitos inherentes á natureza humana que abatem o orgulho, e farão immediatamente desaparecer o phantasma da suspeitada superioridade.

Mas o homem é creatura bem inconsequente. Parece que a boa opinião que fórma de si deveria naturalmente abrandar seus costumes, pois sendo bem fundada tal opinião, o proprio merito o deveria despojar da soberba; mas succede pelo contrario; cada um de per si julga valer mais que os outros, e os despreza.

Desprezo — é o acto nascido da injusta comparação que qualquer faz de si e de outrem: *desdem* — é o effeito deste ruim juizo e o signal externo do desprezo. Desprezai o vicio, mas não desprezeis o homem. Mostrai que detestais o vicio quando por elle periga a virtude, e fareis assim o vosso dever. Quem despreza o seu proximo porque se reputa superior em dignidade, riquezas, intelligencia, ou outra alguma qualidade, é um tyranno da sociedade, é seu perigoso inimigo.

É certo que quem menos soberba tem, menos a descobre nos outros: e não será isto bastante para nos incitar a reprimir semelhante paixão? Não ha duvida que a cortezia, acompanhada da modestia, consegue de algum modo afugentar da sociedade este vicio, não dizendo ou fazendo cousa que possa ferir o amor proprio de qualquer. A cortezia é uma convenção tacita, em toda a parte adoptada para tolerar os defeitos dos nossos semelhantes e desculpar os seus desvarios. O desprezo, filho da soberba, quebranta este pacto social; porque fazendo conhecer a uma pessoa que se lhe notam as imperfeições, e que é objecto de escarneo, a incita a vingar-se, por meios atraçoados se é inferior ao orgulhoso ou soberbo, por insultos se lhe é igual, e com violencias se por acaso é superior.

A soberba é reprovada pelas leis divinas, porque é uma grandissima falta de caridade; e as maximas sociaes a condemnam porque atropella as conveniencias e o decoro da sociedade.

Se alguem por seu procedimento for digno de des-

(::) Note-se que nem só Portugal e o paiz das superstições como alguns affirmam.

(*) Veja-se o nosso artigo sobre as preoccupações ácerca de trovoadas a pag. 91 do 1.º vol.

prezo, a applicação deste mais exacerbará do que melhorará essa pessoa; e o dever do homem bem educado é lastimar-se della e evitar a sua companhia, mas nunca vitupera-la com tractamento desdenhoso; o proprio vicio lhe attrahirá o devido castigo. Porem para o homem de honra o não merecido desprezo do soberbo e poderoso é mais pungente que uma punhalada; e quantas vezes a soberba tem provocado crimes! Quantas vezes o assassinio tem sido a paga do orgulho!

A CÔR DOS NEGROS.

A RELIGIÃO e a rasão nos ensinam que todos os homens descendem de um tronco, e um exame philosophico da especie humana mostra claramente que os europeus, pela excellencia da sua organização, e elegancia de suas fórmulas, são os que mais se assemelham áquelle tronco primordial, que devemos suppôr como perfeito em sua natureza. Em todos os seculos tem a raça chamada branca gosado da preeminencia, e é hoje incontestavel que os europeus dominam o universo. E se algumas nações ha nos confins da Asia, ou em Africa, livres do seu imperio, é porque rasões politicas tem embaraçado a sua sujeição, ou porque a natureza do clima tornaria a sua conquista de pouca importancia.

A côr e cónformação das outras cinco raças humanas [lapões, tartaros, indios, americanos, e negros] são devidas ao clima e modo de vida de cada uma, não por meio de impressões repentinas, senão por graduções imperceptiveis, que sendo transmittidas de geração em geração chegam por fim a formar uma raça distincta.

A pelle do homem compõe-se de tres partes: a epiderme ou cuticula, o *rete mucosum*, e a cutis ou pelle verdadeira, que é a mais interior. A cuticula e a cutis são brancas e transparentes em todos os homens; assim que a differença de côr resulta da substancia coagulada do *rete mucosum* quasi collada áquelle. A vermelhidão instantaneamente produzida, a pallidez causada pelo desmaio, e o azul das veias provam a transparencia da cuticula; a variação da côr do *mucus*, em differentes zonas, prova que só este é o logar da côr. Em conclusão, a côr do branco procede de uma substancia da mesma côr espalhada em delgada contextura por todo o exterior do corpo entre a pelle; a das castas *acobreadas* procede da mesma contextura com esta côr; a do negro desta mesma contextura, que pela sua condensação e qualidade faz com que a epiderme não possa transmittir côr alguma, e por consequencia pareça negra. Á excepção do *rete* todas as demais partes do corpo são exactamente iguaes nas raças branca, negra e acobreada. Tem-se visto filhos brancos de paes negros e de outras raças, mas não ha um só exemplo de um filho negro ou de côr gerado de paes brancos, a menos que não haja algum ajunctamento clandestino.

Em quanto ás feições do rosto parece-nos que a variedade é produzida por causas accidentaes, assim como a formação do craneo: uma familia de cabeças compridas e achatadas, sem mescla de qualquer outra, e reduzida ao simples exercicio das propensões animaes e sentimentos communs, acabará por ficar privada de sentimentos moraes e facultades intellectuaes, a ponto de ser incapaz de civilisação; pelo mesmo modo as difformidades artificiaes, practicadas por muito tempo, obrigarão a natureza a conformar-se com uma tal violencia, e a difformidade virá a ser hereditaria.

CIRCULAÇÃO DO SANGUE.

QUEM não tiver attentamente examinado este assumpto ficará maravilhado ao saber a quantidade de sangue que corre pelo coração do homem, ou de qualquer animal de mediocre tamanho, no espaço de vinte e quatro horas. A porção de sangue que contem o corpo de um homem adulto é de trinta e quatro libras; a cada pulsação passa pelo coração onça e meia delle, tres colheradas, por exemplo; e se multiplicarmos esta somma por setenta e cinco [numero de pulsações de qualquer pessoa em estado de boa saude] acharemos que em cada minuto gyram pelo coração nada menos que sete libras de sangue; isto é, quatrocentas e vinte libras por hora, ou dez mil cento e setenta e seis lib. por dia: o que equivale a tres milhões setecentas quatorze mil duzentas e quatro libras por anno — 270:681 arrobas de sangue circulam em nosso corpo no espaço d'um anno! O que acontecerá, pois, á balea? O coração daquella grande massa animada, derrama, segundo o calculo dos naturalistas, 5 arrobas de sangue em cada pulsação; e ainda que se lhe deem tão sómente 20 pulsações por minuto, circularão no corpo daquelle cetaceo 100 arrobas de sangue em um minuto; 6000 em uma hora; 144:000 em cada dia, e 52:560:000 em cada anno. Prodigio! Mas quão admiravel é a obra da creação! Apesar disso, o espantoso curso e quantidade de sangue contida nas veias, arterias, e outros vasos menores do corpo animal, não nos admira tanto como o mechanismo necessario ao coração para conservar o sangue em movimento constante e regular, n'um corpo saudavel, desde o começo da existencia até á sua dissolução: sem fadiga imperceptivel, quando não sobrevenha alguma agitação corporea, ou mental. Desta fórma o coração d'uma pessoa de sessenta annos deverá ter dado 2:365:200:000 palpitações, sem deterioração sensivel das valvulas.

Qual será, pois, a mola, ou causa de movimento tão regular? Os anatomicos teem ideado varias theorias, e neste mysterio a mais plausivel é a seguinte. Suppondo que o cerebro é uma massa electrica, que está em acção constante, é natural que descarregue em intervallos regulares [quando a tensão da electricidade chegue a certo ponto] pelos nervos que se dirigem ao coração, excitando por esta fórma as pulsações deste órgão. Semelhante idéa foi suggerida pelos aparelhos electricos, nos quaes successivas accumulações de electricidade passam a um globo suspenso, que se conserva annos inteiros no estado de oscillação regular. Alguns dos nossos leitores dirão talvez que a theoria é mais obscura que o phenomeno: — a isso responderemos que não é dado ás creaturas penetrar os arcanos da natureza; mas que á mente intellectual do homem é permittido julgar das cousas invisiveis pelas visiveis, comparar os effeitos, e investigar as causas, confessando todavia a sua incapacidade. Se ao homem fosse dado tudo descortinar, cessaria então de ser creatura, e viria a igualar o seu creador.

PRODIGIOSA FECUNDIDADE DOS PEIXES.

TANTAS são as especies de peixes, sem outro meio de alimentar-se senão o devorarem-se uns aos outros, que parece deveriam ficar extinctas as debeis especies que lhe servem de presa, porem não ha risco nem probabilidade de que venha a acontecer o extermínio de taes creaturas, porque não ha viventes mais prolificos que os peixes menores e indefensos. As plantas mais fecundas não produzem tantas se-

mentes como de animaes contem as ovas dos peixes; aquellas, por outra parte, perecem em grande numero por falta de terra onde se arreiguem, ao passo que estas depositadas debaixo das aguas, como seu mais seguro berço, chegam todas a desenvolver-se. A providente natureza ordenou, alem disso, as cousas por fórma que todas as especies mais expostas á insaciavel voracidade das especies destruidoras são as mais prolificas, ao mesmo tempo que as mais vorazes são em devida proporção menos numerosas. Bastarão alguns exemplos para provar este, para a nossa imaginação, mysterio, ainda que lei simples no systema tão sabio como natural da criação.

A azevia, casta de linguado pequeno, produz de cada vez que desova mais de um milhão de individuos da sua especie, o escombro, ou sarda mais de metade deste numero, e o arenque mais que aquellas duas especies junctas. Os naturalistas calcularam pelas infalliveis regras da arithmetica que se se deixasse multiplicar um só arenque com um só desovar seu pelo termo de só 25 annos, seria tal a quantidade destes peixes que os barcos empegariam nos cardumes delles. Facil é de observar nas ovas com a vista simples, e muito mais com o auxilio das lentes, a minutissima *milha* que encerra prodigiosa quantidade de viventes. Considerando em tão rapida multiplicação, vê-se que semelhantes especies não poderão extinguir-se; e com muita razão nos devemos regozijar de que, ao passo que multiplicam, as vão consumindo as outras especies feras e vorazes, pois que de outro modo a fecundidade dos peixes menores não só causaria a sua propria destruição e de todos os aquateis, mas até pela putrefacção, que forçosamente se havia de seguir, extinguiria todos os viventes na terra.

Alem do grande valor e utilidade do pescado, como ramo de industria e de commercio, e como alimento do genero-humano, é summamente apreciavel a outros respeito. É cousa assentada que se não foram os innumeraveis cardumes de peixes pequenos que vagueiam pelas margens da beira-mar, as immensas immundicies que se despejam no oceano infestariam e corromperiam as aguas ahí congregadas, porque ainda que a salsugem do mar e seu continuo movimento retardaria largos tempos a corrupção, a grandissima quantidade de podridão animal e vegetal, que os rios vomitam, chegaria no decurso de annos a inficionar as aguas mais proximas ás costas, se não fosse consumida pelos peixes menores: por esta consideração devemos tributo de agradecimento e louvor á sabia Providencia, não só pela prodigiosa abundancia de pequenos peixes, mas tambem pela insaciavel voracidade dos maiores, por cujos meios combinados se mantem pura a agua do mar e saudaveis as brisas e virações que deste sopram para a terra que habitamos.

ARVORE DE GRANDEZA EXTRAORDINARIA NA ISTRIA.

Na provincia d'Istria ha dilatados bosques que fornecem ao arsenal de Venesa excellentes madeiras: neste mesmo paiz subsiste um extraordinario phenomeno vegetal, isto é, uma nogueira em uma aldeola do districto de Pinguete. Os ramos desta magnifica arvore teem um desenvolvimento circular de 30 pés de diametro; e por consequencia a circumferencia é de 50 passos, e a superficie da sombra, suppondo o sol no meridiano, é de duzentos passos quadrados, ou de 5:000 pés quadrados, medida franceza. Ora, oc-

cupando um homem menos d'um pé quadrado de superficie, segue-se que poderão descansar á sombra desta colossal nogueira mais de cinco mil pessoas. — *La Vicinia*, isto é, o conselho municipal do logar celebra de ordinario neste sitio as suas sessões, e distribue, ao ar livre, a justiça aos requerentes; de sorte que esta arvore é objecto d'uma certa veneração e vangloria do povo daquella aldeia.

ACÇÃO DESINTERESSADA.

Não ha portuguez algum instruido na historia da sua patria, que não conheça e venere o nome de João Fernandes Vieira (*), primeiro auctor, e um dos principaes restauradores da liberdade de Pernambuco, aonde por muitos annos dominaram os hollandezes com estranha barbaridade, e com vil e fementida avareza. Durante a heroica e dilatada guerra que os portuguezes fizeram a seus inimigos, veio da Bahia ordem para se queimarem todos os cannaveaes de Pernambuco, persuadindo-se o governador geral do estado, que destruido assim o principal incentivo da cubiça dos hollandezes, estimariam elles menos o dominio que alli tinham e cessariam os soccorros da companhia occidental, com que da Europa se fomentava a guerra. Bem conheceu João Fernandes Vieira que a execução desta ordem, posto que por uma parte diminuia os interesses que o inimigo tirava da posse d'aquelle estado, tambem por outra parte arruinava os proprietarios, e os privava do unico meio que tinham de sustentar a sua gloriosa empreza. Mas como elle mesmo era um dos mais ricos proprietarios de Pernambuco, para que se não attribuisse a sua repugnancia a interesse pessoal, mandou immediatamente queimar todos os seus cannaveaes, e depois representou para a Bahia os inconvenientes d'aquella providencia, com razões tão efficazes, que o governador do estado as acceitou, e mandou suspender a execução da ordem. Assim salvou o grande e heroico Vieira as propriedades dos seus vizinhos á custa da sua propria fazenda, acrescentando mais esta extraordinaria acção de magnanimo desinteresse ás muitas que já tinha practicado, e depois continuou, de amor da patria, de valor intrepido, e de heroica firmeza e constancia.

Dicto d'um prégador a D. João 3.^o — Um clérigo, natural de Braga, por nome F. Viegas, e que vivia na côrte, chegou-se um dia a D. João 3.^o, e disse-lhe: *Senhor, fazei-me mercê de dinheiro para uma besta muar, que parece mal o vosso prégador andar a pé.* Respondeu-lhe o rei gracejando: *Não tenho dinheiro.* — «Senhor, [acudiu logo o padre] por amor de Deus tende nisso segredo, não vo-lo saiba ninguém; porque se estes que por aqui vos cercam souberem que não tendes trinta cruzados, que me deis para uma cavalgada, não ha um só que torne a pôr aqui o pé.»

A VIRTUDE perde-se no meio da cubiça, bem como os rios se perdem no mar.

A HYPOCRISIA é uma certa homenagem que o vicio rende á virtude.

(*) Vide a biographia e o retrato deste varão illustre a pag. 241 deste vol.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo
N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.